Infantaria, ano 36, nº 270-272, outubro-dezembro/1969, pp. 295-305

2 — CANGAS DE ONIS

(COVADONGA)

(718 D. C.)

Pelo Brigadeiro ESTEVES PEREIRA

1 — *ANTECEDENTES*

A batalha de CHRYSSUS, ou de GUADALETE, ferida após a invasão da PENÍNSULA IBÉRICA, em 711, sepultou, nas suas ruínas, o Império Visigótico, que, de há muito, estava acusando os maiores sintomas de ruína e de depravação moral. Mas iria dar-se o milagre da ressurreição do povo cristão!; iria começar a reconquista!...

Retrogrademos, pois, um pouco:

MUSA IBN NOSSEYR, Amir de ÁFRICA, pelo Kalifa de DAMASCO, em 702 (D. C.), tentou apossar-se de SEPTUM (CEUTA) que era, desde o tempo dos Romanos, uma dependência DA HISPANIA e os Visigodos assim a tinham conservado.

O Amir MUSA tentou tomar SEPTUM, mas o Conde Juliano (1) que governava em nome de WITIZA, repeliu-o. Pouco depois, este foi derrubado do trono por RUDERICK (RODRIGO), que lhe sucedeu em 709. Ora WITIZA deixou dois filhos, que procuraram arrancar a coroa a RODRIGO.

JULIANO aliou-se a esta conspiração e chamou em seu auxílio o Amir MUSA, abrindo-lhe, assim, as portas de CEUTA e incitando-o, ao mesmo tempo, a enviar uma expedição à PENÍNSULA HISPÂNICA.

Depois de duas tentativas frustradas de desembarque (2), MUSA envia, em 711, um exército de cerca de 12.000 homens, composto, em grande parte, por Sarracenos, sob o comando do

---

(1) Olian-el-Gomari, era berebere.

(2) Ver «CHRYSSUS», do A. nesta Revista no n.º anterior.

seu Lugar-Tenente, TÁRIK-IBN-ZEYAD, acompanhado de JULIANO, como aliado.

Aportando às praias, junto às raízes do CALPE, fortificou-se e ali esperou reforços. Então, ao CALPE mudaram o nome para Monte de TÁRIK (GEBEL TÁRIK) de onde viria o topónimo GIBRALTAR dos nossos dias.

Entretanto, RODRIGO juntou as suas forças e os dois exércitos, marchando um contra o outro, defrontaram-se junto às margens do Rio CHRYSSUS, ou GUADALETE (1), onde as forças Visigóticas foram desastrosamente vencidas e desbaratadas, perecendo o próprio Rodrigo, na contenda, segundo consta.

Apesar das ordens reiteradas de MUSA para se deter e esperar que ele, em pessoa, se passasse à HISPANIA, TÁRIK não fez caso algum e, dividindo as suas tropas em várias colunas, irradiou pelas Províncias do Sul e do Sudoeste da PENÍNSULA, talando campos, conquistando povoações e procurando, pela ocupação e pelo terror, tomar o mais possível da parte Sul da PENÍNSULA, indo, então, estabelecer a sede do seu governo na capital da HISPANIA, TOLETUM (TOLEDO), que lhe abriu as portas, auxiliado pelos numerosos judeus, que, fartos do jugo anterior, viviam, oprimidos e vexados, pelos Visigodos. Os principais da cidade fugiram para as montanhas próximas, abrindo, assim, as portas a novas conquistas e ocupações dos Muçulmanos.

Entretanto, MUSA chegara à PENÍNSULA; desembarcara com numerosas forças, tomou SEVILLA e encaminhou-se para a LUSITÂNIA, tomando várias cidades: NIEBLA, OSSUNA, MÉRTOLA, BEJA, MÉRIDA, etc.

Depois de várias discussões, acusando-se mùtuamente, um fazendo valer os seus direitos de conquistas, o outro, roído de ciúmes, increpando o seu lugar-tenente, que acusou de desleal e de desobediente, o AMIR tirou o comando a TÁRIK e mandou-o prender!...

---

(1) Pequeno rio, que nasce na região de OLVERA e vai desaguar no ATLÂNTICO, junto a PUERTO DE SANTA MARIA, na baía de CÁDIS.

Mais tarde, contudo, por ordem do próprio Kalifa de DAMASCO, TÁRIK foi solto e reintegrado no seu comando e, então, ele e MUSA, cada um por seu lado, foram, com sucessos vários, tomando conta de toda a PENÍNSULA, excepto da parte mais setentrional, que sempre se conservou uma zona de rebeldia permanente, ocupada pelos restos dos Visigodos, que nunca se quiseram submeter ao jugo muçulmano.

Apesar das dificuldades encontradas em algumas regiões da PENÍNSULA, os Sarracenos chegaram a atravessar os PIRENÉUS, com a intenção de invadirem a GÁLIA, mas aí foram menos felizes, tendo sido batidos, na célebre batalha de POITIERS, em 732, por CHARLES MARTEL, desistindo, então, da ocupação de territórios além-PIRENÉUS.

*
* *

A reacção da raça Visigoda, enrijada pela adversidade, caldeada nas privações sofridas contra a conquista serracena, começou no Norte da HISPANIA, poucos anos depois do desembarque, em 711, no CALPE.

Nas ásperas serranias das ASTÚRIAS, entre o MAR CANTÁBRICO e os contrafortes desses escabrosos e formidáveis PICOS DA EUROPA, um punhado de GODOS, que não haviam nunca aceitado o jugo sarraceno, alevantaram o pendão da revolta e iniciaram uma luta feroz, que havia de durar mais de sete séculos e que culminou, inicialmente, pela vitória do Evangelho sob o Koran, na memorável batalha de CANGAS de ONÍS (COVADONGA).

PELAYO foi o capitão dessa multidão de Godos patriotas, refugiados nas ASTÚRIAS e o fundador da 2.ª monarquia cristã, já que, pouco antes, se formara a de OVIEDO, que, mais tarde, se havia de ligar à de LEON.

A monarquia de PELAYO e de seu filho FÁVILA estava circunscrita às aspérrimas serranias das ASTÚRIAS, onde eles eram senhores absolutos; por morte de FÁVILA, sucedeu-lhe o genro de PELAYO, ALFONSO I de seu nome, que subiu ao trono e que alargou o seu poderio às regiões da GALIZA,

até ao R. DOURO e, por LEON, a CASTILLA (la VIEJA), constituindo, então verdadeiramente, o primeiro dos grandes reinos cristãos que a história se habituou a chamar «neogóticos», como fundamentos do ressurgimento do Império Godo na PENÍNSULA.

O longo reinado de ALFONSO I marcou realmente o primeiro período da reconquista cristã e foi dignamente seguido por seu filho FROILA I, um grande rei também, apesar do seu carácter, por vezes violento, o que o tornou antipático até aos seus colaboradores mais chegados.

CANGAS de ONÍS foi, desde os tempos de PELAYO, a capital do Reino das ASTÚRIAS; FRUELA (FROILA) fundou, depois, a cidade de OVIEDO, onde, junto à Catedral, se podem ver, num «fronton» artístico, as estátuas de todos estes vultos célebres da reconquista cristã. Com a fundação de OVIEDO, os dois Reinos fundiram-se então em uma só monarquia, com ALFONSO II, de quem há uma bela estátua, também, à beira da referida Catedral.

É sobre a batalha de CANGAS de ONÍS, ou de COVADONGA, como passou à História, que nos vamos ocupar neste modesto estudo.

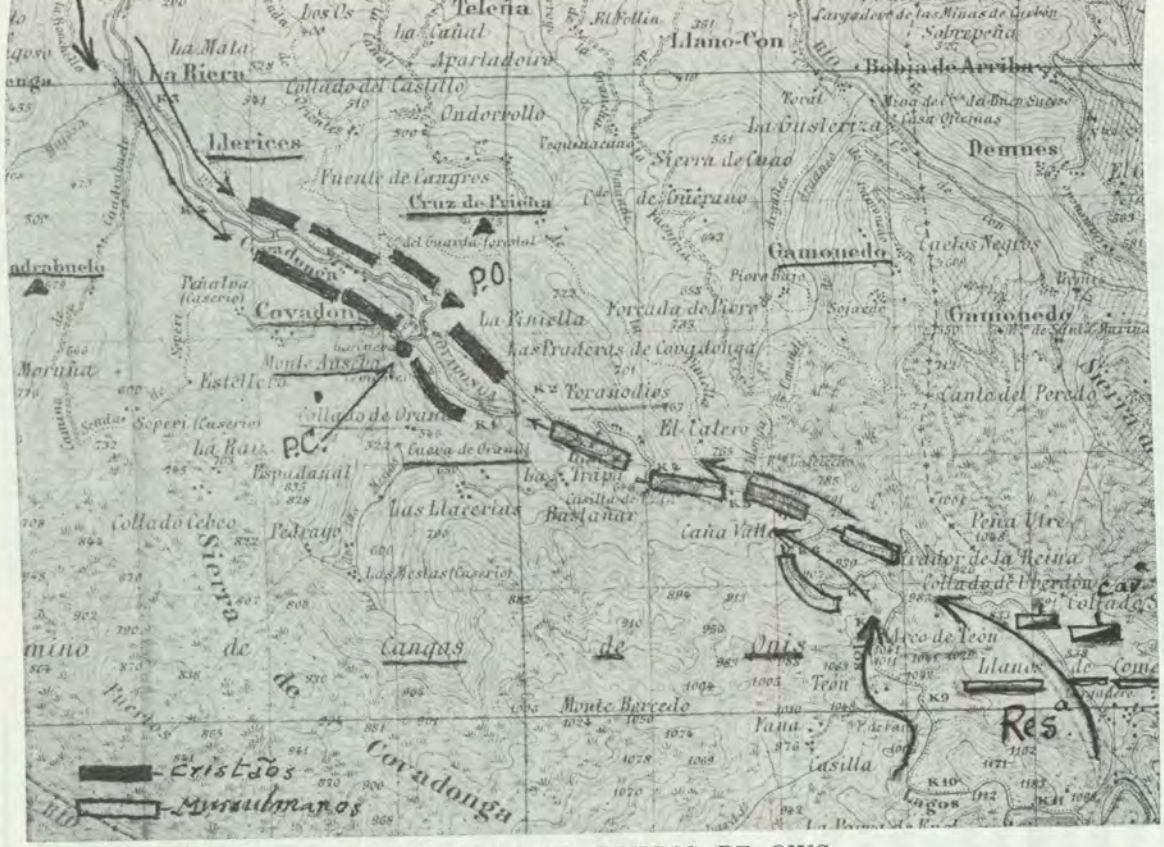
*

* *

2 — *O TERRENO*

QUEM chega de OVIEDO, por INFIESTO, à região de CANGAS de ONÍS, tem a sensação de entrar num deserto escalvado, convulsionado por terríveis movimentos plutónicos; olhando-se para Sul ergue-se a SIERRA de CORDAL de PONGA, para Leste, o CORDAL de la CUERA e para Sueste, o emaranhado brutal, selvático do maciço dos PICOS da EUROPA, verdadeiro nó orográfico de ligação das Cordilheiras CANTÁBRICA e IBÉRICA.

A vista espalha-se em redor e a região selvagem e agreste é, apenas, adoçada por algumas pequenas povoações, disseminadas nas encostas e no fundo dos vales apertados, mas mesmo essas, quase da cor dos rochedos, pouca alegria dão à triste paisagem.



A BATALHA DE CANGAS DE ONIS
(718 D. C.)

Extracto da carta em 1:50 000 do «Instituto Geográfico y Catastral» de ESPANHA

Um silêncio, empolgante, esmagador, envolve a nossa contemplação e faz-nos reviver o passado, recuar alguns séculos e visionar as hostes de brancas «djilabas» mouras, ondeando ao vento, a galope pelas encostas dos penhascosos montes, fugindo em pânico, diante da esmagadora avalanche, que, cá de cima dos altos e cumiadas, os guerreiros cristãos, com seus rudes trajos de peles, couros e de ferro, lhes desferiam golpes mortais, como se os próprios montes se desmoronassem por cataclismos telúricos!...

CANGAS de ONÍS — COVADONGA... que imponência, que majestade de paisagem agreste e selvática, serviu de cenário e que nos recorda esse primeiro prélio, que deu a decisão nesta primeira arrancada na Reconquista Cristã do solo sagrado das HISPANIAS!

*

* *

3 — *A BATALHA*

A batalha, sim; porque o combate, apesar de rápido, fulminante, foi decisivo, aquele que se feriu naquele fatídico vale, para a raça Muçulmana, vale, ravina a bem dizer, defendido pelo RIO COVADONGA, também designado por R. DEVA (1).

Os Sarracenos, em grande efectivo, mas cujo verdadeiro número e qualidade de tropas não foi, até agora, possível averiguar, sob o comando do Wali AL HORR, entraram na Província das ASTÚRIAS, e seguindo, mais ou menos, o curso do Rio COVADONGA, na direcção geral: LHANOS-ARCO DE TEON-LHERICES, com a intenção provável de se apoderarem do fértil vale a N. e atingirem, na COSTA CANTÁBRICA as regiões das modernas GIJON e OVIEDO e, a seguir, alastrarem-se pelo piscoso litoral CANTÁBRICO.

Em face dos grandes efectivos, que aos Cristãos, as suas informações lhes davam, e que os seus esculcas avistaram dos pontos de observação, mais altos das serranias, quer de COVADONGA, quer da SIERRA de COVALIERDA, o Duque de

(1) Pede-se para seguir a descrição pelo «croquis» junto.

CANTÁBRIA, PELAYO, decidiu retirar estratègicamente das regiões mais acessíveis da província e concentrar as suas hostes, muito mais diminutas em relação às do adversário, entre as Serras de SEGUENCO, CUADRABUELO, AUSEBA, CRUZ DE PRIENA e linhas de alturas que as ligam e dispor os seus homens, nos altos, a um e outro lado do apertado Vale do RIO DEVA, fechando meticulosamente todas as saídas laterais desse apertado vale, a fim de, atraindo o adversário a esse meio de comunicação essencial para Norte, esmagá-lo totalmente, mercê da supremacia, que a situação relativa lhe dava em compensação da desproporção dos efectivos. Além disso, PELAYO dispunha de um magnífico serviço de informações, de espionagem, espalhado por toda a província, o que lhe teria permitido seguir a progressão do adversário, para Norte e até as suas possíveis intenções.

Por outro lado, o Comandante dos Sarracenos, AL KAMAH, lugar-tenente de AL HORR, que parece ter sido o Comandante-Chefe da expedição às ASTÚRIAS, mas que não tomou parte no combate, em face do conhecimento, algo tardio, que teve da retirada dos Cristãos para Norte, avançou confiadamente pelo apertado vale do rio, única via de penetração, que conhecia pelas suas parcas informações, e como não se avistasse inimigos alguns, julgou que estes se teriam posto em fuga, direitos à Costa, decidiu avançar, primeiro, as suas hostes apeadas pelo estreito vale deixando à retaguarda a sua cavalaria, muito mais numerosa, como reserva, pois, de entrada, não a podia desenvolver em linha e crescente, conforme a táctica usual entre eles, em virtude do apertado do terreno. Portanto, vê-se, aqui, que o terreno teve um duplo efeito nesta acção: da parte dos defensores, o poderem ocupar posições de grande comandamento, a um e outro lado da direcção de progressão, e, terem uma boa observação e da parte dos atacantes, terem, sem alternativa, de seguir por uma via apertada entre alturas, quase inacessíveis, sem poderem desenvolver, para o ataque, o dispositivo habitual da sua cavalaria, o que lhe daria o maior rendimento de acção.

Apenas chegados, mais ou menos, às alturas do alinha-

mento: COLLADO DE ORANDI-TORAÑODIOS, começaram a ser atacados, dos altos, de ambas as bandas do verdadeiro desfiladeiro, com todas as armas e meios de arremesso, mesmo os de fortuna, ao alcance dos Cristãos, como setas, flechas, bagas de fundas, pedras, enormes penedos rolados à alavanca, troncos de árvores, achas incendiadas, etc., etc., tudo, enfim, que se pudesse lançar para a ravina e que pudesse esmagar os adversários!...

Estes, encaixados no apertado vale, não podendo ripostar fàcilmente com as suas armas, de baixo para cima, não podendo avançar, nem recuar, entraram em pânico e, empurrando as tropas, que os seguiam à retaguarda, debandaram em desordem, atropelando-se, pelo caminho por onde tinham progredido, indo levar a derrota, o pânico e a fuga às hostes que lhes serviam de reserva e à própria cavalaria, que não tinha podido avançar pelo estreito vale e que estacionava, mais ou menos, nas alturas de LLANOS DE COMEYA-CARGADERO. E, então, foi a debandada geral!...

Assim, os Sarracenos sofreram uma rude derrota, demais agravada pela morte, em combate, de AL KAMAH, seu chefe directo, e que determinou, então a debandada geral de todas as tropas, para Sul, e dos sobreviventes deste memorável combate. Pouco tempo durou esta batalha! Os Cristãos, a bem dizer, não tiveram quase baixas, alcandorados, como estavam, nas suas posições magníficas, que o Duque de CANTÁBRIA, lhes tinha escolhido e ainda mercê do magnífico serviço de informações de que dispunha e da sua táctica serena de expectativa, só desferindo o golpe decisivo no momento próprio, decisivo também.

E como esta foi uma batalha decisiva, que mudou a face das coisas na PENÍNSULA HISPÂNICA, dando origem ao começo da Reconquista, diremos como Stefan Zweig, que esse foi um momento decisivo da História, um dos «Grandes Momentos da Humanidade».

* * *

Sebastian de SALAMANCA Y EL SILENSE, diz, na sua Crónica, que morreram, nesta batalha, uns 124.000 Muçulma-

nos, considerados, pelos críticos militares modernos, como um exagero; contudo, o Arcebispo D. Rodrigo apenas refere 20.000 baixas entre os Muçulmanos e algumas baixas ligeiras entre os Cristãos.

Atribui-se, também, a vitória a milagre da VIRGEM, cuja imagem PELAYO levou consigo e que estava na «Cueva», seu Quartel-General, ali perto, na vertente e junto à actual povoação de COVADONGA.

Esta batalha deu-se no ano 718 (D. C.), isto é no Século VIII; apenas 7 anos tinham decorrido sobre o desembarque de TÁRIK nas praias do Estreito das «Colunas d'Hércules».

Próximo do local da batalha, no sítio denominado REPELAO (derivado do nome PELAYO), foi este proclamado, por eleição das suas tropas, REI das ASTÚRIAS e, assim, se fundou o 2.º Reino Cristão, a 2.ª, cronològicamente, das Monarquias Cristãs, ou Neogóticas, como foi uso chamarem-se na História, visto que a 1.ª fora fundada, pouco antes, por outro grupo de Cristãos e que se denominou Reino de OVIEDO e que mais tarde se haveria de ligar ao anterior, a LEON, e, depois, a CASTILLA.

As Monarquias, que se lhes seguiram e pela sua ordem cronológica, foram:

LEON, CASTILLA (dita, la VIEJA), ARAGON, NAVARRA e o Condado de BARCELONA.

Mais tarde, no século XV, com a tomada dos Kalifados de SEVILLA, CORDOBA e GRANADA, o primeiro por Fernando III, o Santo, em 1248, o segundo, pelo mesmo, em 1236 e o terceiro, por Fernando de ARAGÃO (o CATÓLICO), auxiliado pelo grande Gonçalo de CORDOBA, em 1492, data que marca, com a união do grupo de Monarquias de ARAGÃO as do grupo de CASTILLA e pelo casamento com Isabel, a unificação da ESPANHA, depois de 781 anos de dominação muçulmana.

* * *

Perto do local da batalha, ergue-se hoje um modesto obelisco, mandado erigir, em 1857, pelos Duques de Montpensier, em memória do grande prélio e em homenagem à Reconquista Cristã.

Em meados do século XIII, Alfonso I mandou edificar a capela da «Cueva», onde fora o Quartel-General (melhor lhe chamaríamos «Posto de Comando») e um Mosteiro-Santuário para a Ordem de S. Bento, dedicando-o à Santa Maria de COVADONGA, cuja imagem se venera na «Cueva» e que é verdadeiramente deslumbrante, não só pela beleza da escultura, como pela sumptuosidade do trajo, que enverga. Está colocada num pequeno altar, a meio da «Cova», escavada na rocha. À frente apenas cabem 3 fileiras de bancos pequenos para os fiéis. À esquerda uma pequena dependência para guarda dos paramentos.

A primitiva construção do Santuário desapareceu, segundo informes de pessoas cultas da região, em época de Fernando III, o Santo e na de Alfonso X, o Sábio, havia apenas uns arcos e 2 sepulcros, tudo em estilo Românico, o mais eram destroços e ruínas, corroídos pelo tempo!...

Contudo, no século XVI, Felipe II fez importantes donativos à Capela da Cueva e ao Santuário e o Bispo de OVIEDO, D. Diego Apontes de Quiñones, mandou reconstruir as abóbadas, claustros e habitações superiores do Mosteiro e reconstruir totalmente a Capela da Cueva.

O templo reconstruído foi, ainda, pasto das chamas, no dia 17 de Outubro de 1777, em consequência da queda de um raio, salvando-se, apenas, o altar-mor, dois sepulcros e bastante ouro e prata, das alfaias do templo, mas tudo fundido, reduzido a uma pasta informe!...

Mais tarde, por indicação de D. Melchior Jovellanes, benemérito local, se reedificou novamente o Santuário, cujo corpo inferior — a cripta — é hoje o Panteon de Pelayo e, sobre esta, assenta a nave do templo e toda a construção superior.

Como curiosidade, diremos que, à saída do templo, dedicado a S. Fernando (Fernando III — El Santo) e na entrada da famosa «Cueva», estão embutidos, na rocha, os sepulcros de PELAYO e de ALFONSO I, com inscrições modernas; o primeiro fora da Capela, no corredor de acesso e, o segundo, a um dos lados (da epístola) do pequeno altar. Impressiona tanta singeleza, a destes sepulcros, no meio da grandiosidade da serrania...

Nas alturas de PRIENA, mesmo em face de quem esteja do lado de COVADONGA, no adro do Santuário, pode avistar, lá no alto, uma cruz singela de ferro, que marca, segundo a tradição, o local em que o traidor DON OPPAS (o bispo que se vendeu aos Sarracenos e que facilitou a invasão de 711) foi convertido em pedra e, ali perto, num rochedo, se vê a impressão de uma ferradura do cavalo de D. PELAYO, lenda análoga à de D. Fuas Roupinho, no Sítio da NAZARÉ.

No adro do Santuário há ainda um magnífico monumento a PELAYO: sobre um modesto soclo quadrangular de pedra existem escritas em bronze as seguintes palavras em caracteres romanos:

> —«NUESTRA ESPERANZA ESTÁ EN CRISTO † ESTE PEQUEÑO MONTE SERÁ LA SALVACION DE ESPAÑA. CRÓNICA DE ALFONSO III».—

em redor do pilar quadrangular. Sobre este, de pé e com o braço esquerdo erguido, como que apontando, e o direito segurando a larga espada, cota de malha e peitorais, a cabeça coberta por ligeiro casco, a figura imponente do Herói, tendo, por detrás e acima da cabeça, uma cruz laviada, também em bronze. Há uma certa posição, a uns 20 metros talvez à frente da estátua, em que, quem olhe para o cimo da cruz verá, lá no alto da margem oposta, no cimo da serrania, a cruz de Don Oppas.

A gruta, e não «Cueva», como lhe chamam no País vizinho, está situada num escarpado da muralha rochosa, de pendente em reenterância, e de uma altura de perto de 100 metros, não longe do Santuário. No sopé há uma pequena lagoa, alimentada por infiltrações, na rocha, de alguma nascente subterrânea e onde os peregrinos deitam moedas, como votos para futuros consórcios.

Dizem que foi na gruta que PELAYO estabeleceu o seu posto de comando, mas há lendas, que indicam o local da estátua, no adro da basílica, como o local onde comandou. Ambas as lendas podem ser verdadeiras, uma durante a espectativa da investida do adversário, outra durante o combate.

O sítio é, na sua rudeza e imponência, como tudo nas ASTÚRIAS, grandioso, impressionante e a capelinha, incrustada na reenterância da falésia rochosa, é de uma simplicidade encantadora e como que, adoça, a austeridade natural do ambiente!...

Hoje, em volta do Santuário, os serviços florestais já fizeram várias plantações de arvoredo e o vale, que se lhe segue, já está suavizado por bastante vegetação. Contudo, em redor, é sempre a imponência adusta das ASTÚRIAS, da CORDILHEIHA CANTÁBRICA.

E foi aqui que, um dia se decidiu o destino das ESPANHAS, início da luta contra quase oito séculos de dominação sarracena...

CANGAS de ONIS, Setembro de 1964.
Reconstituído, em Março de 1968.